

PRINCESAS, PRÍNCIPES, FADAS E PIRATAS COM PROBLEMAS

Coordenação de Pedro Sena-Lino

Prefácio de Manuel António Pina

Contos de

Ana Cristina Leonardo, Ana Luísa Amaral, Gonçalo M. Tavares,
João Pedro Mésseder, Rita Saldanha, Rui Zink

Ilustrações de

Danuta Wojciechowska, Estela Baptista Costa, Rachel Caiano

 PORTO EDITORA

PREFÁCIO

Manuel António Pina

A literatura por assim dizer *infantil* foi, durante muito tempo, entre nós (e não só entre nós) minorizada. Como se, dirigida (ou lá o que é) a gente de menor tamanho, tivesse que ser necessariamente menor. Ou como se o seu nome, *literatura infantil*, fosse uma espécie de arquétipo da coisa, e essa literatura fosse infância também, e desvalida, da própria literatura.

Com raras exceções, algumas, aliás, assinaláveis, escrever “para” crianças era então em Portugal ofício para senhoras afectadamente bondosas, espécie de avós mais ou menos putativas, dadas a contar chochas histórias de proveito e exemplo ou a repetir desajeitadamente contos e lendas, as mais das vezes corrigidos e diminuídos, da tradição popular ou da grande literatura do género. E, no entanto, sempre existiu uma pujante e exigente tradição literária no domínio da escrita “para” crianças (gosto pouco deste “para”, pois sabe-se lá “para” quem é a literatura, mas parece não haver como evitá-lo).

Não sou um historiador da literatura, e tão-só um leitor de livros que, imprudentemente, tem também escrito alguns. Nem sou, valha-me Deus, especialista em coisa alguma, e muito menos em (já que tenho que lhe chamar alguma coisa) “literatura infantil”. Porém até para um não especialista é óbvio que, nas últimas décadas, o panorama se modificou radicalmente e que essa literatura parece por fim ter atingido entre nós a maioria, mesmo que nem sempre seja – e como poderia sê-lo sempre? – literatura maior. Contudo é, ou ao menos pretende ser, literatura, e isso, como diria o burro Inhon, já é uma grande proeza.

Hoje escreve-se muito mais e muito melhor “literatura infantil” (e “juvenil”, permita-se-me que meta as duas no mesmo saco, pois me é difícil – deixo isso aos especialistas – discernir onde começa uma e a outra acaba) do que acontecia há ainda poucas décadas. E, frequentemente, literatura que continua a ser literatura quem quer que, crianças, jovens ou adultos, a leia. Ao mesmo tempo, foi-se desenvolvendo, mesmo que de forma intermitente, o pensamento crítico, sobretudo dentro da Universidade mas também episodicamente na imprensa e na blogosfera, em torno dessa literatura, seus equívocos e suas especificidades.

A multiplicação dos autores e da *diferença* (de formas, de objectivos, de resultados) é sempre sinal da vitalidade de uma literatura. Uma antologia como a presente seria improvável ainda há não muitos anos e a *diferença* que nela tão ostensivamente se manifesta parece comprovar o que antes fica dito.

Seis escritores com distintos percursos literários (e, num caso, mesmo sem percurso literário), vindos seja da poesia e da ficção “adultos” seja da literatura especificamente “para” crianças e jovens, respondem ao desafio de escreverem textos originais a partir de um tema inesperado e provocador, “Princesas, príncipes, fadas e *piratas com problemas*” (o problema, olhando para trás, para a tradição da chamada “literatura para crianças”, é justamente este “com problemas”). E não deixa de ser curioso verificar como cada um dos seis autores se desembaraçou dele. A generalidade fê-lo humanizando ou desmitificando a suposta sobre-humanidade das personagens e trocando as voltas, umas vezes pelo cómico ou pelo grotesco outras pelo maravilhoso, à história que, como O’Neill diz, o expectável leitor já sempre traz, no que toca a príncipes, princesas, fadas e piratas, engatilhada.

Os resultados são díspares e o estilo, se o estilo é a particular forma de identidade que *anima* (embora às vezes desanime...) o discurso, também. Mas, conceptuais e especulativos uns, confessionais ou melancólicos outros, mais espontâneos ou mais elaborados, mais conformes ou mais inventivos, algo une estes seis (na prática, mais alguns) contos: neles não se vislumbra sombra da condescendência para com a inteligência e a sensibilidade dos potenciais pequenos leitores que, durante muito tempo, foi (e frequentemente continua a ser) a regra do género.

Só por isso a aposta editorial que este livro constitui foi uma aposta ganha.

Outubro de 2009

Manuel António Pina

NOTA INTRODUTÓRIA

Pedro Sena-Lino

Um jogo de computador com páginas

Nunca jogaste um jogo de computador com páginas?

Então não sabes o que perdes.

É um livro. Mas não é tipo pegar no livro e ver só os desenhos giros. Isso não é nada e até é um bocado à bebé, desculpa lá.

É agarrar o livro com as duas mãos e atirares-te lá para dentro como se o livro fosse um jogo de computador. E é bem melhor, porque aqui podes imaginar tudo: as tuas armas, os cenários, a cara dos teus inimigos!

Mas para isso é preciso começar.

Já está? Tens o livro entre as mãos?

Então vamos começar. Não vamos demorar muito tempo que eu sei que tu queres passar rapidamente para as histórias. Isto é o que se chama uma introdução. É como aquelas partes na escola em que os stôres explicam tudo muito bem da matéria, ou antes dos jogos de computador, para saberes o que tens de fazer para ganhar. Aqui também vale fazer batota... Todas as pessoas que lêem costumam passar estas páginas à frente... Se tu quiseres, podes fazê-lo. Ninguém vê: o livro é teu e fazes dele o que quiseres.

(Ah, mas afinal continuas aqui!).

Uma introdução serve apenas para abrir o apetite. É como aquelas bolachinhas estranhas que se servem antes dos jantares importantes, sabes?

E esta serve para dizer que a Porto Editora e estes escritores fizeram este livro para ti.

Deves perguntar-te porque é que juntámos tanta gente numa salganhada destas: Princesas, Príncipes, Fadas e Piratas. Pensámos que ias gostar de histórias com estas pessoas que são mais verdadeiras do que as pessoas reais – sim, porque nós todos achamos mesmo que tu tens razão: que os piratas, e fadas, e duendes, e monstros, e heróis, são mais a sério do que as pessoas reais. Para já, porque não morrem, e porque nos fazem companhia durante muito tempo. E são bons companheiros: não nos estragam as bonecas e as bolas e os jogos como os colegas da escola. Ou não estão sempre a perder, como os heróis dos jogos de computador. E as aventuras que vivem e as coisas que fazem dão-nos uma espécie de calor dentro do coração que nos dá vontade de fazer coisas novas e diferentes!

Por isso é que pusemos aqui os piratas, que são o máximo, e têm imensas aventuras para contar. Aquilo é que devia ser uma vida, a andar pelo mar fora com perigos, e tempestades, e tesouros! Nós também gostamos, e por isso é que quisemos criar esta espécie de livro-tesouro para ti. Porque achamos que as coisas que tu sentes, que tu vives, as que guardas só para ti, são mais importantes que os tesouros dos piratas. E essas coisas, que guardamos para nós e nem contamos aos nossos melhores amigos, nós conseguimos encontrá-las nas histórias – a ler. Ler é nunca mais estar sozinho, é saber que há escritores, que fazem as histórias, e leitores, que as lêem, que sentem as mesmas coisas. É como ter uma turma invisível de pessoas que sentem como nós. Um grupo de piratas, mas em vez de estarem num navio, estão num livro!

E estes heróis têm problemas: pois claro, como tu também tens naquele nível do jogo de computador, ou com aquele colega chato da escola. É com os problemas que as histórias avançam – que a tua história avança! Por isso quisemos pôr estes heróis com

algumas dificuldades, mas atenção: eles precisam de ti para continuar! Precisam que tu leias e os oiças nas suas aventuras. Já pensaste que um livro só existe porque há pessoas como tu, que o lêem?

Sim: é que os livros têm personagens lá dentro que só estão à espera que alguém viva com elas. E para isso é preciso abrir o livro, e ler com muita atenção, para que as personagens fiquem vivas. Eu, por exemplo, durante muitos anos fui o melhor amigo do Tintin. Conheci-o num livro e vivi tantas aventuras com ele que não podes imaginar.

E mais: se não houvesse pessoas como tu, os escritores não serviriam para nada. Já te perguntaste o que é um escritor? Eu ajudo: os escritores são pessoas que vivem mais na imaginação do que na terra, porque passam o dia a apanhar ideias como quem apanha borboletas, e depois a escrever essas ideias.

Se não houvesse escritores não havia histórias, que são aquele sítio onde nos escondemos quando tudo é sozinho e cinzento. Um livro é como uma casa onde tudo pode acontecer, mas estamos sempre seguros pela imaginação e pelo sonho.

E agora, que estás três vezes de parabéns, porque compraste este livro, porque achas que os heróis são mais verdadeiros que a realidade, e porque vais ler este livro, esperamos mesmo que gostes destas histórias. E deste livro. Os livros são os lugares onde nós somos mais livres e maiores. Por isso esperamos que continues a viver aventuras neste e em outros livros.

Outubro de 2009

Pedro Sena-Lino